



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 89/2009
Contatos: secretaria@isb.org.br

O GOLPE DO SEQUESTRO

No próximo Correio quero falar da questão da violência e das drogas em nossa Cidade. Neste vou narrar um conto em que caiu um amigo meu, tolo, coitado.

Estava ele, com sua mulher, a terminar seu lanche da noite de sexta-feira, quando o telefone tocou, ele atendeu e um homem lhe disse: não desligue que sua filha vai lhe falar. Oh, ele tem uma filha, e a voz dela, chorando muito, quase sem poder articular as palavras, disse que havia sido roubada, seu carro, seu celular, seu dinheiro, tudo, e levada para um lugar sinistro onde a estavam ameaçando. Era a filha, o meu amigo escutou bem, reconheceu perfeitamente a voz, e “viu” a cena da aflição desesperada dela. E esqueceu tudo o que lhe haviam avisado sobre golpes desse tipo. Só tinha mil reais em casa, se tivesse dez mil tinha dado; foi a uma farmácia, instruído pelo falso seqüestrador, e enviou o dinheiro em forma de recarga para dois telefones celulares da operadora Claro, sem nunca jamais ter sabido da existência deste esquema. Depois disso ainda entregou dois relógios, o seu e o da esposa, dentro de dois sapatos, dentro de uma caixa, a um taxi que chegou à porta do seu edifício. Quando o taxi saiu, viu de relance que não tinha placa.

Só depois disso tudo, ligou para a casa da filha, preocupado com as netas, filhas dela, e perdeu a fala quando a própria filha atendeu, aquela mesma que chorava desesperada no cativeiro havia meia hora. Bem, tinha perdido mil reais e dois relógios sem grande valor, mas não precisava mais ficar angustiado, esperando o reaparecimento da filha que eles haviam posto num taxi em Nova Iguaçu, pedindo que ele a esperasse para pagar o taxi. Toda a angústia evolou-se num segundo; ficou o travo muito amargo da cretinice cometida, impregnando o ego até agora, me disse.

Há algumas coisas a comentar sobre o caso. O primeiro é que, além das vidas perdidas e das terríveis seqüelas sofridas, a violência da nossa cidade tem outros subprodutos, como este, da exploração do clima violento para a aplicação de contos do vigário que, por mais conhecidos e difundidos entre a população para que esteja prevenida, ainda conseguem tirar algo de pessoas tolas, esclerosadas, desavisadas, que sempre existem, como este casal de amigos meus. E o vigarista não é um brutamontes que se impõe pela violência; ele tem talentos e habilidades, como essa, de fazer o meu amigo escutar, sem nenhuma dúvida, a voz da filha e “ver” a cena do desespero, do desamparo da moça. E se deixar embrulhar intensamente pela emoção, a ponto de perder completamente a capacidade de pensar. O vigarista tem, ainda, a sensibilidade para perceber o grau de veracidade das declarações da sua vítima, para avançar mais quando sentir que tem mais a tirar, e parar no limite do possível, aceitar o butim viável, mesmo pequeno.

É isso que eu queria contar, esta pequena história dramática e verídica do nosso dia-a-dia. Para que seja mais um aviso, não custa. Vocês, que não são tolos, hão de ter percebido que o grande tolo da história fui eu mesmo, que até agora não me conformo com a minha idiotice. Paciência, se eu sou assim, não tem jeito, o prejuízo não foi calamitoso e a vida continua, da próxima vez não cairei. E no próximo Correio vou falar da violência, que é uma coisa mais bruta.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br